

DOMINGO II DA QUARESMA

CIC 554-556, 568: a Transfiguração

554 A partir do dia em que Pedro confessou que Jesus era o Cristo, Filho do Deus vivo, o Mestre «começou a explicar aos seus discípulos que tinha de ir a Jerusalém e lá sofrer [...], que tinha de ser morto e ressuscitar ao terceiro dia» (Mt 16, 21). Pedro rejeita este anúncio¹ e os outros também não o entendem². É neste contexto que se situa o episódio misterioso da transfiguração de Jesus³, no cimo duma alta montanha, perante três testemunhas por Ele escolhidas: Pedro, Tiago e João. O rosto e as vestes de Jesus tornaram-se fulgurantes de luz. Moisés e Elias aparecem, «e falam da sua morte, que ia consumir-se em Jerusalém» (Lc 9, 31). Uma nuvem envolve-os e uma voz do céu diz: «Este é o meu Filho predilecto: escutai-O» (Lc 9, 35).

555 Por um momento, Jesus mostra a sua glória divina, confirmando assim a confissão de Pedro. Mostra também que, para «entrar na sua glória» (Lc 24, 26), tem de passar pela cruz em Jerusalém. Moisés e Elias tinham visto a glória de Deus sobre a montanha; a Lei e os Profetas tinham anunciado os sofrimentos do Messias⁴. A paixão de Jesus é da vontade do Pai: o Filho age como Servo de Deus⁵. A nuvem indica a presença do Espírito Santo: «*Tota Trinitas apparuit: Pater in voce; Filius in homine; Spiritus in nube clara* – Apareceu toda a Trindade: o Pai na voz; o Filho na humanidade; o Espírito Santo na nuvem luminosa»⁶:

«Transfiguraste-Te sobre a montanha e, na medida em que disso eram capazes, os teus discípulos contemplaram a tua glória, ó Cristo Deus; para que, quando Te vissem crucificado, compreendessem que a tua paixão era voluntária, e anunciassem ao mundo que Tu és verdadeiramente a irradiação do Pai»⁷.

556 No limiar da vida pública, o baptismo; no limiar da Páscoa, a transfiguração. Pelo baptismo de Jesus «*declaratum fuit mysterium primae regenerationis* – foi declarado o mistério da (nossa) primeira regeneração» – o nosso Baptismo; e a transfiguração «*est sacramentum secundae regenerationis* – é o sacramento da (nossa) segunda regeneração» – a nossa própria ressurreição⁸. Desde agora, nós participamos na ressurreição do Senhor pelo Espírito Santo que actua nos sacramentos do Corpo de Cristo. A transfiguração dá-nos um antegoço da vinda gloriosa de Cristo, «que transfigurará o nosso corpo miserável para o conformar com o seu corpo glorioso» (Fl 3, 21). Mas lembra-nos também que

¹ Cf. Mt 16, 22-23.

² Cf. Mt 17, 23; Lc 9, 45.

³ Cf. Mt 17, 1-8 e par.; 2 Pe 1, 16-18.

⁴ Cf. Lc 24, 27.

⁵ Cf. Is 42, 1.

⁶ SÃO TOMÁS DE AQUINO, *Summa theologiae*, 3, q. 45, a. 4, ad 2: Ed. Leon. 11, 433.

⁷ *Liturgia bizantina, Kontakion* na Festa da Transfiguração: «*Ménaia tou hólou eniautoú*», v. 6 (Romae 1901) p. 341.

⁸ SÃO TOMÁS DE AQUINO, *Summa theologiae*, 3, q. 45, a. 4, ad 2: Ed. Leon. 11, 433.

temos de passar por muitas tribulações para entrar no Reino de Deus» (Act. 14, 22):

«Era isso que Pedro ainda não tinha compreendido, quando manifestava o desejo de ficar com Cristo no cimo da montanha⁹. – Isso, Ele to reservou, Pedro, para depois da morte. Mas agora, Ele próprio te diz: Desce para sofrer na Terra, para servir na Terra, para ser desprezado e crucificado na Terra. A Vida desce para se fazer matar; o Pão desce para passar fome; o Caminho desce para se cansar de andar; a Fonte desce para ter sede; – e tu recusas-te a sofrer?»¹⁰.

568 *A transfiguração de Cristo tem por fim fortalecer a fé dos Apóstolos em vista da paixão: a subida à «alta montanha» prepara a subida ao Calvário. Cristo, cabeça da Igreja, manifesta o que o seu Corpo contém e irradia nos sacramentos: «a esperança da Glória» (Cl 1, 27)¹¹.*

CIC 59, 145-146, 2570-2571: a obediência de Abraão

59 Para reunir a humanidade dispersa, Deus escolhe Abrão, chamando-o para «deixar a sua terra, a sua família e a casa de seu pai» (Gn 12, 1), para o fazer Abraão, quer dizer, «pai de um grande número de nações» (Gn 17, 5): «Em ti serão abençoadas todas as nações da Terra» (Gn 12, 3)¹².

145 A Epístola aos Hebreus, no grande elogio que faz da fé dos antepassados, insiste particularmente na fé de Abraão: «Pela fé, Abraão *obedeceu* ao chamamento de Deus, e partiu para uma terra que viria a receber como herança: partiu, sem saber para onde ia» (Heb 11, 8)¹³. Pela fé, viveu como estrangeiro e peregrino na terra prometida¹⁴. Pela fé, Sara recebeu a graça de conceber o filho da promessa. Pela fé, finalmente, Abraão ofereceu em sacrifício o seu filho único¹⁵.

146 Abraão realiza assim a definição da fé dada pela Epístola aos Hebreus: «A fé constitui a garantia dos bens que se esperam, e a prova de que existem as coisas que não se vêem» (Heb 11, 1). «Abraão acreditou em Deus, e isto foi-lhe atribuído como justiça» (Rm 4, 3)¹⁶. «Fortalecido» por esta fé (Rm 4, 20), Abraão tornou-se «o pai de todos os crentes» (Rm 4, 11. 18)¹⁷.

2570 Quando Deus o chama, Abraão parte «como o Senhor lhe tinha mandado» (Gn 12, 4). O seu coração está completamente «submetido à Palavra»: ele obedece. A escuta do coração que se decide em conformidade com Deus é essencial à oração; as palavras têm um valor relativo. Mas a oração de Abraão exprime-se, antes de mais, em actos: homem de silêncio, constrói, em cada etapa, um altar ao Senhor. Só mais tarde é que aparece a sua primeira oração por pala-

⁹ Cf. Lc 9, 33.

¹⁰ SANTO AGOSTINHO, *Sermão* 78, 6: PL 38, 492-493.

¹¹ Cf. SÃO LEÃO MAGNO, *Sermão* 51, 3: CCL 138A, 298-299 (PL 54, 310).

¹² Cf. Gl 3, 8.

¹³ Cf. Gn 12, 1-4.

¹⁴ Cf. Gn 23, 4.

¹⁵ Cf. Heb 11, 17.

¹⁶ Cf. Gn 15, 6.

¹⁷ Cf. Gn 15, 5.

bras: uma queixa velada que lembra a Deus as suas promessas que não parecem cumprir-se¹⁸. Assim nos aparece, desde o princípio, um dos aspectos do drama da oração: a prova da fé na fidelidade de Deus.

2571 Tendo acreditado em Deus¹⁹, caminhando na sua presença e em aliança com Ele²⁰, o patriarca está pronto para acolher na sua tenda o Hóspede misterioso: é a admirável hospitalidade de Mambré, prelúdio da Anunciação do verdadeiro Filho da promessa²¹. Desde então, tendo-lhe Deus confiado o seu desígnio, o coração de Abraão fica em sintonia com a compaixão do seu Senhor pelos homens e ousa interceder por eles com uma confiança audaciosa²².

CIC 153-159: as características da fé

153 Quando Pedro confessa que Jesus é o Cristo, o Filho do Deus vivo, Jesus declara-lhe que esta revelação não lhe veio da carne nem do sangue, mas do seu Pai «que está nos Céus» (*Mt 16, 17*)²³. A fé é um dom de Deus, uma virtude sobrenatural infundida por Ele. «Para prestar esta adesão da fé, são necessários a prévia e concomitante ajuda da graça divina e os interiores auxílios do Espírito Santo, o qual move e converte o coração para Deus, abre os olhos do entendimento, e dá “a todos a suavidade em aceitar e crer a verdade”»²⁴.

154 O acto de fé só é possível pela graça e pelos auxílios interiores do Espírito Santo. Mas não é menos verdade que crer é um acto autenticamente humano. Não é contrário nem à liberdade nem à inteligência do homem confiar em Deus e aderir às verdades por Ele reveladas. Mesmo nas relações humanas, não é contrário à nossa própria dignidade acreditar no que outras pessoas nos dizem acerca de si próprias e das suas intenções, e confiar nas suas promessas (como, por exemplo, quando um homem e uma mulher se casam), para assim entrarem em mútua comunhão. Por isso, é ainda menos contrário à nossa dignidade «prestar, pela fé, submissão plena da nossa inteligência e da nossa vontade a Deus revelador»²⁵ e entrar assim em comunhão íntima com Ele.

155 Na fé, a inteligência e a vontade humanas cooperam com a graça divina: «*Credere est actus intellectus assentientis veritati divinae ex imperio voluntatis, a Deo motae per gratiam*» – «Crer é o acto da inteligência que presta o seu assentimento à verdade divina, por determinação da vontade, movida pela graça de Deus»²⁶.

156 O *motivo* de crer não é o facto de as verdades reveladas aparecerem como verdadeiras e inteligíveis à luz da nossa razão natural. Nós cremos «por causa

¹⁸ Cf. *Gn 15*, 2-3.

¹⁹ Cf. *Gn 15*, 6.

²⁰ Cf. *Gn 17*, 1-2.

²¹ Cf. *Gn 18*, 1-15; *Lc 1*, 26-38.

²² Cf. *Gn 18*, 16-33.

²³ Cf. *Gl 1*, 15; *Mt 11*, 25.

²⁴ II CONCÍLIO DO VATICANO, Const. dogm. *Dei Verbum*, 5: AAS 58 (1966) 819.

²⁵ I CONCÍLIO DO VATICANO, Const. dogm. *Dei Filius*, c. 3: DS 3008.

²⁶ SÃO TOMÁS DE AQUINO., *Summa theologiae* II-II, q. 2, a. 9, c: Ed. Leon. 8, 37; cf. I CONCÍLIO DO VATICANO, Const. dogm. *Dei Filius*, c. 3: DS 3010.

da autoridade do próprio Deus revelador, que não pode enganar-se nem enganar-nos»²⁷. «Contudo, para que a homenagem da nossa fé fosse conforme à razão, Deus quis que os auxílios interiores do Espírito Santo fossem acompanhados de provas exteriores da sua Revelação»²⁸. Assim, os milagres de Cristo e dos santos²⁹, as profecias, a propagação e a santidade da Igreja, a sua fecundidade e estabilidade «são sinais certos da Revelação, adaptados à inteligência de todos»³⁰, «motivos de credibilidade», mostrando que o assentimento da fé não é, «de modo algum, um movimento cego do espírito»³¹.

- 157** A fé é *certa*, mais certa que qualquer conhecimento humano, porque se funda na própria Palavra de Deus, que não pode mentir. Sem dúvida, as verdades reveladas podem parecer obscuras à razão e à experiência humanas; mas «a certeza dada pela luz divina é maior do que a dada pela luz da razão natural»³². «Dez mil dificuldades não fazem uma só dúvida»³³.
- 158** «A fé *procura compreender*»³⁴: é inerente à fé o desejo do crente de conhecer melhor Aquele em quem acreditou, e de compreender melhor o que Ele revelou; um conhecimento mais profundo exigirá, por sua vez, uma fé maior e cada vez mais abrasada em amor. A graça da fé abre «os olhos do coração» (Ef 1, 18) para uma inteligência viva dos conteúdos da Revelação, isto é, do conjunto do desígnio de Deus e dos mistérios da fé, da íntima conexão que os liga entre si e com Cristo, centro do mistério revelado. Ora, para «que a compreensão da Revelação seja cada vez mais profunda, o mesmo Espírito Santo aperfeiçoa sem cessar a fé, mediante os seus dons»³⁵. Assim, conforme o dito de Santo Agostinho, «eu creio para compreender e compreendo para crer melhor»³⁶.
- 159** *Fé e ciência*. «Muito embora a fé esteja acima da razão, nunca pode haver verdadeiro desacordo entre ambas: o mesmo Deus, que revela os mistérios e comunica a fé, também acendeu no espírito humano a luz da razão. E Deus não pode negar-Se a Si próprio, nem a verdade pode jamais contradizer a verdade»³⁷. «É por isso que a busca metódica, em todos os domínios do saber, se for conduzida de modo verdadeiramente científico e segundo as normas da moral, jamais estará em oposição à fé: as realidades profanas e as da fé encontram a sua origem num só e mesmo Deus. Mais ainda: aquele que se esforça, com perseverança e humildade, por penetrar no segredo das coisas, é como que conduzido pela mão de Deus, que sustenta todos os seres e faz que eles sejam o que são, mesmo que não tenham consciência disso»³⁸.

²⁷ I CONCÍLIO DO VATICANO, Const. dogm. *Dei Filius*, c. 3: DS 3008.

²⁸ I CONCÍLIO DO VATICANO, Const. dogm. *Dei Filius*, c. 3: DS 3009.

²⁹ Cf. *Mc* 16, 20; *Heb* 2, 4.

³⁰ I CONCÍLIO DO VATICANO, Const. dogm. *Dei Filius*, c. 3: DS 3009.

³¹ I CONCÍLIO DO VATICANO, Const. dogm. *Dei Filius*, c. 3: DS 3010.

³² SÃO TOMÁS DE AQUINO, *Summa theologiae* II-II, q. 171, 5, 3^{um}; Ed. Leon. 10, 373.

³³ J. H. NEWMAN, *Apologia pro vita sua*, c. 5, ed. M. J. SVAGLIC, Oxford 1967, p. 210.

³⁴ SANTO ANSELMO DE CANTUÁRIA, *Prologion*, Prooemium: *Opera omnia*, ed. F. S. SCHMITT, v. 1, Edinburgo 1946, p. 94.

³⁵ II CONCÍLIO DO VATICANO, Const. dogm. *Dei Verbum*, 5: AAS 58 (1966) 819.

³⁶ SANTO AGOSTINHO, *Sermo* 43, 7, 9: CCL 41, 512 (PL 38, 258).

³⁷ I CONCÍLIO DO VATICANO, Const. dogm. *Dei Filius*, c. 4: DS 3017.

³⁸ II CONCÍLIO DO VATICANO, Const. past. *Gaudium et spes*, 36: AAS 58 (1966) 1054.

CIC 603, 1373, 2634, 2852: Cristo está por todos nós

603 Jesus não conheceu a reprovação como se tivesse pecado pessoalmente³⁹. Mas, no amor redentor que constantemente O unia ao Pai⁴⁰, assumiu-nos no afastamento do nosso pecado em relação a Deus a ponto de, na cruz, poder dizer em nosso nome: «Meu Deus, meu Deus, por que Me abandonaste?» (*Mc* 15, 34)⁴¹. Tendo-O feito solidário connosco, pecadores, «Deus não poupou o seu próprio Filho, mas entregou-O para morrer por nós todos» (*Rm* 8, 32), para que fôssemos «reconciliados com Ele pela morte do seu Filho» (*Rm* 5, 10).

1373 «Jesus Cristo, que morreu, que ressuscitou, que está à direita de Deus, que intercede por nós» (*Rm* 8, 34), está presente na sua Igreja de múltiplos modos⁴²: na sua Palavra, na oração da sua Igreja, «onde dois ou três estão reunidos em Meu nome» (*Mt* 18, 20), nos pobres, nos doentes, nos prisioneiros⁴³, nos seus sacramentos, dos quais é o autor, no sacrifício da missa e na pessoa do ministro. Mas está presente «*sobretudo sob as espécies eucarísticas*»⁴⁴.

2634 A intercessão é uma oração de petição que nos conforma de perto com a oração de Jesus. É Ele o único intercessor junto do Pai em favor de todos os homens, em particular dos pecadores⁴⁵. Ele «pode salvar de maneira definitiva aqueles que, por seu intermédio, se aproximam de Deus, uma vez que está sempre vivo, para interceder por eles» (*Heb* 7, 25). O próprio Espírito Santo «intercede por nós [...] intercede pelos santos, em conformidade com Deus» (*Rm* 8, 26-27).

2852 «Assassino desde o princípio, mentiroso e pai da mentira» (*Jo* 8, 44), «Satanás, que seduz o universo inteiro» (*Ap* 12, 9), foi por ele que o pecado e a morte entraram no mundo, e é pela sua derrota definitiva que toda a criação será «liberta do pecado e da morte»⁴⁶. «Sabemos que ninguém que nasceu de Deus peca, porque o preserva Aquele que foi gerado por Deus, e o Maligno, assim, não o atinge. Sabemos que somos de Deus e que o mundo inteiro está sujeito ao Maligno» (*1 Jo* 5, 18-19):

«O Senhor, que tirou o vosso pecado e perdoou as vossas faltas, tem poder para vos proteger e guardar contra as insídias do Diabo que vos combate, para que não vos surpreenda o inimigo que tem o hábito de engendrar a culpa. Mas quem a Deus se entrega não tem medo do Diabo. Porque “se Deus está por nós, quem contra nós?” (*Rm* 8, 31)»⁴⁷.

³⁹ Cf. *Jo* 8, 46.

⁴⁰ Cf. *Jo* 8, 29.

⁴¹ Cf. *Sl* 22, 1.

⁴² Cf. II CONCÍLIO DO VATICANO, Const. dogm. *Lumen Gentium*, 48: AAS 57 (1965) 53.

⁴³ Cf. *Mt* 25, 31-46.

⁴⁴ II CONCÍLIO DO VATICANO, Const. *Sacrosanctum Concilium*, 7: AAS 56 (1964) 100-101.

⁴⁵ Cf. *Rm* 8, 34; *1 Jo* 2, 1; *1 Tm* 2, 5-8.

⁴⁶ *Oração eucarística IV*, 123: *Missale Romanum*, editio typica (Typis Polyglottis Vaticanis 1970), p. 471 [*Missal Romano*, Gráfica de Coimbra 1992, 543].

⁴⁷ SANTO AMBRÓSIO, *De sacramentis*, 5, 30: CSEL 73, 71-72 (PL 16, 454).